

EPONINA, O PRIMEIRO ROMANCE MARANHENSE

Antonia Pereira de Souza¹

RESUMO

Nossa pesquisa, em jornais, constatou que o romance maranhense nasceu em 1845, portanto 22 anos antes, considerando os estudos de Martins (2009); e 25 anos, em relação a Carvalho (1912). São muitos anos, considerando que, de acordo com Barbosa Lima Sobrinho (1960, p. 15), a História da Literatura Brasileira teria seu tempo ampliado em “pelo menos 10 anos, se se escrevesse tomando para referência os jornais e não os livros. A publicação de romances no Maranhão começou, em 1845, no *Jornal de Instrução e Recreio*, com *Eponina* (romance original), do maranhense Augusto Frederico Colin, dia 4 de novembro, no corpo do jornal, preenchendo as páginas de 164 a 167, do exemplar 21. Mesmo ocupando apenas quatro páginas do periódico, *Eponina* apareceu nomeado como romance, então pertence a esse gênero. O que seria um romance para Augusto Frederico Colin? Com base em sua obra, inferimos que é uma narrativa, com acontecimentos em lugares variados, personagens diversificadas, que versa sobre amor, aspectos do dia-a-dia, como ir à igreja, namorar, trocar cartas, observar a paisagem, no caso, a urbana; discutia também questões mais sérias inerentes à sociedade brasileira da época, porque surgiram no romance, por exemplo, os temas: imigração portuguesa; casamento por obrigação; migração para a Corte Brasileira, representada pelo

¹ Doutora em Letras: Literatura e Cultura (2017), pela Universidade Federal da Paraíba. cursou Mestrado em Letras: Estudos Literários (2010), na Universidade Federal do Piauí). É autora do livro *O fantástico no romance Não verás país nenhum* (2018).

jovem Bruno Tavares, que veio de São Paulo para Rio de Janeiro, em busca de oportunidades; há referência também à guerra no Rio Grande do Sul. O objetivo deste artigo é analisar a representação das questões políticas, sociais e culturais, no romance *Eponina*, de Augusto Frederico Colin, além do modo como esse escrito circulou no *Jornal de Instrução e Recreio*. Trata-se de uma pesquisa em fonte primária, visto que foram utilizados jornais; bem como bibliográfica, uma vez que pesquisamos também em livros, revistas, teses, dissertações e artigos; envolvendo os procedimentos qualitativos e crítico-analítico. O aporte teórico é baseado nos estudos de Chartier; Cavallo, 1998; Bakhtin, 2014; Del Priore, 2010; Araújo, 2006; Carvalho, 1912.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Literatura Maranhense nos jornais; História da Literatura; Romance *Eponina*.

ABSTRACT

Our research, in newspapers, found that the Maranhão novel was born in 1845, therefore 22 years before, considering the studies of Martins (2009); and 25 years, in relation to Carvalho (1912). That's many years, considering that, according to Barbosa Lima Sobrinho (1960, p. 15), the History of Brazilian Literature would have its time extended by "at least 10 years, if it were written taking newspapers as reference and not books. The publication of novels in Maranhão began, in 1845, in the *Jornal de Instrução e Recreio*, with *Eponina* (original novel), by Augusto Frederico Colin, from Maranhão, on November 4, in the body of the newspaper, filling pages 164 to 167, of the issue 21. Even occupying only four pages of the journal, *Eponina* appeared named as a novel, so it belongs to that genre. What would a novel be for Augusto Frederico Colin? Based on his work, we infer that it is a narrative, with events in different places, different characters, that deals with love, aspects of day-to-day life, such as going to church, dating, exchanging letters, observing the landscape, in this case, the urban; it also discussed more serious issues inherent to Brazilian society at the time, because they appeared in the novel, for example, the themes: Portuguese immigration; marriage by obligation; migration to the Brazilian Court,

represented by the young Bruno Tavares, who came from São Paulo to Rio de Janeiro, in search of opportunities; there is also reference to the war in Rio Grande do Sul. The purpose of this article is to analyze the representation of political, social and cultural issues in the novel *Eponina*, by Augusto Frederico Colin, in addition to the way this writing circulated in the *Jornal de Instrução e Recreio*. This is a primary source research, since newspapers were used; as well as bibliography, since we also researched in books, magazines, theses, dissertations and articles; involving qualitative and critical-analytical procedures. The theoretical contribution is based on Chartier's studies; Carvalho, 1998; Bakhtin, 2014; Del Priore, 2010; Araújo, 2006; Carvalho, 1912.

Keywords: Brazilian Literature; Literature from Maranhão in the newspapers; History of Literature; Romance *Eponina*.

INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ALVORECER DO ROMANCE MARANHENSE

Nossa pesquisa, em jornais, constatou que o romance maranhense nasceu em 1845, portanto 22 anos antes, considerando os estudos de Martins (2009); e 25 anos, em relação a Carvalho (1912). São muitos anos, considerando que, de acordo com Barbosa Lima Sobrinho (1960, p. 15), a História da Literatura Brasileira teria seu tempo ampliado em “pelo menos 10 anos, se se escrevesse tomando para referência os jornais e não os livros”. Observemos nos dois parágrafos seguintes as considerações Carvalho (1912) e Martins (2009) acerca do romance no Maranhão. Posteriormente, encontram-se nossas descobertas.

De acordo com Carvalho (2012), o romance maranhense começou em 1870, no Segundo Ciclo da Literatura Maranhense (1868-1894), com a obra *Um estudo de temperamentos*, de Celso Magalhães (1849-1879), maranhense de Penalva. Nessa obra, o autor descreveu “tipos, usos e costumes do interior [Viana]”; semelhante à forma como Aluísio Azevedo apresentou São Luís, onze anos depois, em *O Mulato* (1881) (CARVALHO, 1912, p. 9744). No Primeiro Ciclo da Literatura Maranhense (1832-1868), Carvalho não se referiu à prosa de ficção. Resumiu este período ao poeta Gonçalves Dias e ao jornalista João Lisboa, mesmo considerando que este não escreveu Literatura, “mas nos seus escritos e discursos revelou todas as aptidões de um artista da palavra”² (CARVALHO, 1912, p. 9738).

A pesquisa de Martins (2009, p. 454) retroage um pouco o início do romance maranhense, para 1867-1868, com as publicações de Sabbas da Costa no *Semanário Maranhense*, afirmando que Sabbas seria o primeiro escritor a produzir romances no Maranhão, embora tenha se lembrado de que Gonçalves Dias escrevia um romance em 1842; além de referir-se também ao romance *Úrsula*, publicado por Maria Firmina dos Reis, em 1859, no suporte livro.

2 João Lisboa escreveu os folhetins A Festa de Nossa Senhora dos Remédios e A festa dos mortos ou a procissão dos ossos, publicadas nos jornais Publicador Maranhense e Jornal de Tímon. Posteriormente, veiculadas em: LISBOA, João Francisco. *Obras*. Precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. São Luís: Tipografia Belarmino de Mattos, 1865. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242775>>.

O pesquisador comenta a respeito de Sabbas da Costa e sua obra da seguinte forma: “o esboço de romance intitulado *Jacy*, com 14 capítulos, o romance *Os amigos*, com 25 capítulos, e a novela *Jovita*, com apenas 3³ capítulos, fundando praticamente a novelística da província, uma vez que outros prosadores de ficção virão somente após ele [...]”.

Em nossa pesquisa constatamos que, antes dos escritos de Sabbas da Costa, havia sido publicado também o romance *A Virgem da Tapera*, em 1862, de João Clímaco Lobato (1829-1897).

Os jornais maranhenses que publicaram romances originais, no período que pesquisamos (1832-1868) foram doze: *Jornal de Instrução e Recreio* (1845-1846), *O Arquivo* (1846), *A Marmota Maranhense* (1850-1851), *Publicador Maranhense* (1842-1880), *O Constitucional* (1851-1864), *A estrela da tarde* (1857), *O Eco da verdade* (1860), *Porto Livre* (1862-1865), *O Jardim das Maranhenses* (1861-1862), *Eco da Juventude* (1864-1865), *A Situação* (1863-1868) e *Semanário Maranhense* (1867-1868).

Mikhail Bakhtin (2014) descreveu o romance como um gênero que absorve as variações linguísticas, apresenta vozes individuais ou sociais, com temáticas extraídas do contexto de criação, por isso estas mudam, assim como mudam os contextos que servirem de inspiração. Dessa forma, por exemplo, uma obra baseada na sociedade maranhense do século XIX, pode apresentar

3 Nesta pesquisa observamos que o romance *Jovita* é formado por 6 capítulos, não 3, como afirma Martins (2009).

os aspectos políticos e sociais dessa província, ou seguir a moda do período, que era a fuga para o estrangeiro, para a Corte ou para outras províncias. Nos romances que encontramos nesta pesquisa, predominaram aspectos políticos e sociais maranhenses; entretanto, ocorrem algumas fugas. O conceito de Mikhail Bakhtin (2014) a que nos referimos é este:

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. E é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo o seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os

gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance (BAKHTIN, 2014, p. 74-75).

Os romances do alvorecer da Literatura Maranhense foram incansáveis na tentativa de ampliar as questões sociais, pelas quais passavam o Maranhão e o Brasil. Um romance tratar desses assuntos, no entanto, não é garantia de que o leitor se sensibilizará pelos problemas ali representados e tente ajudar a resolvê-los; embora a apropriação seja prevista, através de estratégias que ajudam a dar sentido ao escrito e envolver o leitor em suas expectativas; contudo, este é rebelde, pode escapar das armadilhas e apreendê-lo de outra forma:

No interior dos territórios assim propostos aos seus percursos, os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas. Essa apropriação não se faz sem regras nem sem limites. Algumas provêm das estratégias usadas pelo próprio texto, que deseja produzir efeitos, ditar uma postura, obrigar o leitor. As armadilhas que lhe são preparadas e nas quais ele deve cair, sem nem mesmo dar-se conta, estão na proporção da inventividade rebelde

que sempre se supõe existir sobre ele (CHARTIER; CAVALLO, 1998, p. 38).

O objetivo deste artigo é analisar a representação das questões políticas, sociais e culturais, no romance *Eponina*, de Augusto Frederico Colin, além do modo como esse escrito circulou no *Jornal de Instrução e Recreio*. Trata-se de uma pesquisa em fonte primária, visto que foram utilizados jornais; bem como bibliográfica, uma vez que pesquisamos também em livros, teses, dissertações e artigos; envolvendo os procedimentos qualitativos e crítico-analítico. O aporte teórico é baseado nos estudos de Chartier; Cavallo, 1998; Bakhtin, 2014; Del Priore, 2010; Araújo, 2006; Carvalho, 1912.

Analisaremos agora a representação das questões políticas, sociais e culturais, no romance, que iniciou a prosa de ficção na Literatura Maranhense, além do modo como esse escrito circulou no jornal.

A REPRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES POLÍTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS NO ROMANCE *EPONINA* E SEU MODO DE CIRCULAÇÃO NO *JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO*

A publicação de romances no Maranhão começou, em 1845, no *Jornal de Instrução e Recreio*, com *Eponina* (romance original), do maranhense Augusto Frederico Colin, dia 4 de

novembro, no corpo do jornal, preenchendo as páginas de 164 a 167, do exemplar 21.

Segundo Inocêncio Francisco da Silva (1867), Augusto Frederico Colin nasceu em São Luís, no dia 11 de junho de 1823, ocupou importantes cargos públicos, no Maranhão, no Rio de Janeiro e no Paraná; colaborou com muitos jornais de São Luís e do Rio de Janeiro; escreveu o *Manual do Empregado da Fazenda*:

Augusto Frederico Colin, Cavaleiro da Ordem Imperial da Bossa, primeiro Oficial e Chefe de secção na Secretaria de Estado do Ministério da Fazenda, etc. No ano de 1853, por ocasião da criação da nova província de Paraná, foi nomeado Secretário do Governo provincial e encarregado da organização da respectiva Secretaria. Foi ainda Membro da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional do Rio de Janeiro. Nasceu na cidade de São Luís, capital do Maranhão, a 11 de junho de 1823. Colaborou nos anos de 1846 a 1849 em várias folhas literárias do Maranhão, e principalmente no *Jornal de Instrução e Recreio*, no *Arquivo*, e na *Revista Universal Maranhense*. Aí inseriu vários artigos em prosa, e algumas poesias. Também há artigos seus no *Íris*, na *Crônica Literária*; e em outros jornais do Rio de Janeiro. Ultimamente publicou o *Manual do Empregado da Fazenda*, Coleção dos

atos legislativos e executivos expedidos pelo Ministério da Fazenda em, 1865. Publicação anual (SILVA, 1867, p. 340-341).

O bibliógrafo Silva (1867) mencionou artigos em prosa e poesias do autor, apesar disso, não se referiu à prosa de ficção de Augusto Frederico Colin, talvez porque seja bem restrita, mas é importante para a história da prosa de ficção do Maranhão, uma vez que seu romance *Eponina* foi o primeiro escrito inédito classificado como romance encontrado, nesta pesquisa, nos periódicos de São Luís.

Mesmo ocupando apenas quatro páginas do periódico, *Eponina* apareceu nomeado como romance, então pertence a esse gênero. O que seria um romance para Augusto Frederico Colin? Com base em sua obra, inferimos que é uma narrativa, com acontecimentos em lugares variados, personagens diversificadas, que versa sobre amor, aspectos do dia a dia, como ir à igreja, namorar, trocar cartas, observar a paisagem, no caso, a urbana; discutia também questões mais sérias inerentes à sociedade brasileira da época, porque surgiram no romance, por exemplo, os temas: imigração portuguesa; casamento por obrigação; migração para a Corte Brasileira, representada pelo jovem Bruno Tavares, que veio de São Paulo para Rio de Janeiro, em busca de oportunidades; há referência também à guerra no Rio Grande do Sul.

A imigração portuguesa foi abordada, no romance, com a personagem Pedro Velasques, pai de Eponina, que se mudou de Portugal para o Rio de Janeiro em busca de fortuna, mas como não tinha boa educação, viveu em situação precária, antes de atingir seus objetivos. No século XIX, os imigrantes portugueses, conforme informações constantes no site do Museu do Imigrante, vinham para o Brasil destinados a trabalhar na lavoura, porém acabavam se instalando nas cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, onde trabalhavam principalmente no comércio e na indústria⁴. A personagem Pedro era comerciante, conseguiu ficar rica e aumentou mais ainda suas posses por meio do casamento, como podemos observar neste trecho do romance:

Pedro Velasques, tal era o nome do pai de Eponina, era um daqueles homens, que como muitos outros, vinham de Portugal procurar fortuna no Brasil, em circunstâncias pouco favoráveis; sua educação não tinha sido das mais esmeradas; com o volver dos anos veio a adquirir uma boa fortuna, casou com uma senhora de uma família respeitável, e uma filha veio fazê-lo completamente ditoso. Ora conquanto Velasques com o costume de tratar com pessoas de uma classe elevada na sociedade, em razão de suas relações comerciais, viesse adquirir

4 Cf. <http://museudaimigracao.org.br/centro-de-preservacao-pesquisa-e-referencia/historico-das-imigracoes/>.

maneiras mais polidas, contudo ainda bastante se ressentia do desmazelo que presidira a sua educação (COLIN, *Jornal de Instrução e Recreio*, 4 nov. 1845, n. 21, p. 165).

O casamento por obrigação aconteceu, quando o pai de Eponina, com o objetivo de aumentar as posses da família, combinou o casamento da jovem com o Coronel Peres, sem que ela soubesse. A jovem foi obrigada a se casar com o Coronel, mesmo estando namorando Bruno Tavares. Segundo Mary del Priore (2010)⁵, o século XIX trouxe a ideia de amor romântico, inspirada nos casamentos por amor dos heróis e heroínas, com finais felizes que apareciam nos romances. Essa situação era nova. Simultaneamente, nas elites:

O casamento arranjado com parentes ou amigos era uma constante. Isso era arcaico. As fórmulas coexistiam. Daí começarem os raptos de noivas que se recusavam a casar com candidatos impostos pela família, preferindo fugir com os escolhidos do coração (DEL PRIORE, 2010).

5 Estas informações constam na entrevista “História do amor no Brasil”, concedida à *Revista Cult*, em maio de 2010.

No caso do romance em estudo, a jovem conseguiu “fugir” do marido arranjado, ameaçando incendiar o leito nupcial. Se ela voltou para o “escolhido do coração”, Bruno, a obra deixou em aberto, mas o amor que a jovem sentia por Bruno, foi a justificativa para enfrentar e separar-se do marido que lhe foi imposto:

Foram os noivos conduzidos para a câmara nupcial. Chegados ali, e depois de despedidas das pessoas que os acompanharam, Peres, esquecendo o acontecimento do baile, e todo entregue a embriaguez daquele momento, – por ventura um dos mais preciosos da vida do homem! –, despiu-se das galas que o adornavam, e, pondo-se em liberdade, convidou Eponina para que fizesse o mesmo; mas como ela parecesse não querer satisfazê-lo, e pensando o coronel que era aquilo nímia timidez que soe acontecer em tais momentos, quis agarrá-la, mas ela mais ligeira, que uma corça acocada do caçador, lança mão de uma vela, aproxima-se do leito nupcial, cujos finíssimos cortinados flutuavam até o pavimento, e com voz forte e solene pronuncia estas palavras, que ecoaram aos ouvidos do coronel como se fosse o estampido de uma bombarda em dia de batalha:

– Peres, jamais serei tua esposa!

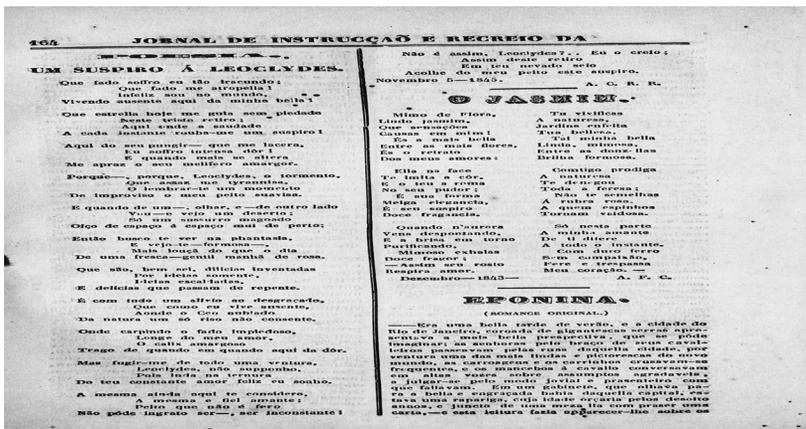
Meu coração já havia formado seus laços indissolúveis, – quando um despótico poder arrastou-me aos altares, – mas nunca serei tua esposa perante Deus, porque no juramento, que pronunciaram meus lábios, o coração não teve parte alguma, portanto é nulo... Se ousares dar para mim um só passo, este leito ficará reduzido a cinzas, e com ele a casa em que estamos, eu e tu igualmente (COLIN, *Jornal de Instrução e Recreio*, 4 nov. 1845, n. 21, p. 166).

As guerras que assolaram o Brasil, no século XIX, também surgiram no romance com a personagem Peres, esposo de Eponina, que, ao reconhecer que agiu errado casando-se sem o consentimento da noiva, foi para a guerra civil no Rio Grande do Sul. Uma referência a Revolução Farroupilha, que aconteceu nessa província entre (1835-1845), cujo líder foi Bento Gonçalves (ZALLA; MENEGATTI, 2011). O romance terminou com a saída de Peres para a guerra, três dias após o fim do casamento com Eponina:

Três dias depois deste acontecimento um brigue de guerra dava à vela para a província do Rio Grande do Sul, levando a seu bordo o Coronel Rafael Durão Peres, que se ia juntar ao exército em operação naquela província, que nesse tempo ardia no fogo da guerra civil. A. F. C. (COLIN, *Jornal de Instrução e Recreio*, 4 nov. 1845, n. 21, p. 167).

No século XIX, de acordo com Araújo (2006), a mulher que vivia relacionamentos extraconjugais arriscava a própria vida, visto que o marido podia matá-la e sair ileso da situação, uma vez que a justiça era “extremamente tolerante com o marido traído” (ARAÚJO, 2006, p. 60); mas nem sempre essas aventuras acabavam tão mal assim, “com frequência o marido ofendido encerrava a mulher em um *recolhimento* ou apenas se separava ou pedia o divórcio” (ARAÚJO, 2006, p. 60). No caso do romance *Eponina*, o marido, ao saber do amor da esposa por outro homem, antes que a relação extraconjugual se consumasse, escolheu deixar a jovem livre, diante do comportamento transgressor que ela demonstrou, preferindo morrer e matar o esposo, caso fosse obrigada a viver com ele. Na figura a seguir, encontra-se o início do romance *Eponina*:

Figura 1 - Início do romance *Eponina* (*Jornal de Instrução e Recreio*, 4 nov. 1845, n. 21, p. 164)



Fonte: <http://www.memoria.bn.br/>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confirmamos que existe um Sistema Literário do Maranhão, em prosa de ficção veiculada nos jornais, no século XIX, formado por romances, contos, crônicas e escritos sem denominação de gênero; inéditos, publicados completos ou apenas em trechos, nos periódicos de São Luís. Esse Sistema teve início em 1845, com o romance *Eponina*, de Augusto Frederico Colin, publicado em 4 de novembro de 1845, no *Jornal de Instrução e Recreio*.

No romance *Eponina*, houve representação da realidade maranhense, bem como brasileira, em sua maioria sem “relação imediata e transparente com as práticas que designa” (CHARTIER, 2011b, p. 15). Assim, foram tratadas questões como costumes, economia e guerras; ainda assim, envolta em história de amor . Dessa forma, conhecemos o casal Eponina e Bruno Tavares, que poderá tornar-se conhecido na Literatura Brasileira, através desta pesquisa ou da leitura no próprio jornal, visto que não circulou no suporte livro.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Antônio dos Reis. A Literatura Maranhense. *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*. v. XX, p. 9737-9756. Sociedade Internacional: Rio de Janeiro, 1912.

COLIN, Augusto Frederico. Eponina (Romance original). *Jornal de Instrução e Recreio*, São Luís, p. 164-167, 4 nov. 1845, n. 21. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=703117&PagFis=15&Pesq=>>>. Acesso em: 5 set. 2013.

DEL PRIORE, Mary. Entrevista História do amor. In: *Revista Cult*, São Paulo, maio 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/05/historia-do-amor-no-brasil>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

Jornal de Instrução e Recreio. São Luís: 1845-1846.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. *Atenienses e fluminenses: a invenção do cânone nacional*. 2009. 801 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Unicamp, Campinas, 2009.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português: A-Z*. Imprensa Nacional: Lisboa, 1858. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id>>